

ABJEÇÃO E SEXUALIDADE NO ROMANCE *FABIÁN E O CAOS*

Daniele Ribeiro Fortuna¹

RESUMO: Este artigo pretende analisar a questão da abjeção, do sexo, do gênero e sua relação com o discurso no romance *Fabián e o caos*, de Pedro Juan Gutiérrez. O livro tem como personagens principais Pedro Juan e Fabián. Embora aparentemente estejam em papéis diametralmente opostos – Pedro Juan, como o estereótipo do rapaz másculo e conquistador, e Fabián, com a pecha de um homossexual frágil, sensível e afeminado –, os personagens são exemplos de uma sexualidade abjeta. Para discutir abjeção, recorreremos, principalmente, a Kristeva (1982). Em seguida, abordamos a relação do abjeto com o gênero. Para tanto, nossa referência principal é Butler (2015, 2016). Também tratamos sobre a questão do discurso, baseando-nos, mais uma vez em Butler (2016, 2015) e ainda em Foucault (1966, 2012). Finalmente, a partir do escopo teórico apresentado, analisamos as sexualidades abjetas no romance *Fabián e Caos*, de Pedro Juan Gutiérrez.

Palavras-chave: Abjeção; Gênero; Discurso.

ABJECTION AND SEXUALITY IN THE NOVEL *FABIÁN E O CAOS*

ABSTRACT: This article intends to analyze the question of abjection, sex, gender and its relation to discourse in the novel *Fabián e o caos*, by Pedro Juan Gutiérrez. The book has as main characters Pedro Juan and Fabián. Although they appear to be in diametrically opposed roles - Pedro Juan as the stereotype of the male and seductive boy, and Fabian, considered a sensitive and effeminate homosexual - the characters are examples of abject sexuality. To discuss abjection, we refer mainly to Kristeva (1982). Next, we discuss the relationship between abjection and gender. To that end, our main reference is Butler (2015, 2016). We also address the issue of discourse, basing ourselves once again on Butler (2016, 2015) and still on Foucault (1966, 2012). Finally, from the theoretical scope presented, we analyze the abject sexualities in the novel *Fabián e o caos*, by Pedro Juan Gutiérrez.

Keywords: Abjection; Gender; Discourse.

Introdução

O escritor Pedro Juan Gutiérrez nasceu em 1950, na cidade de Matanzas, em Cuba. Acompanhou de perto as mudanças que o país sofreu com a Revolução Cubana, que culminou com a destituição do ditador Fulgêncio Batista, em 1959, e a ascensão de Fidel Castro ao poder. Com a revolução, a maior parte da população cubana teve seus bens e propriedades estatizados

¹ Universidade Unigranrio.

– e não foi diferente com a família de Pedro Juan que, do dia para noite, perdeu o pouco que tinha.

Durante sua juventude, o escritor exerceu várias atividades: além de servir o exército, foi agricultor, pedreiro, professor de desenho técnico, dirigente sindical, locutor, jornalista e ator de rádio. Segundo Santos (2007), foi somente aos 28 que se formou em jornalismo pela Universidade de Havana, por meio de um curso especial para trabalhadores.

Após se formar, trabalhou como jornalista em diversos veículos, viajou pelo mundo realizando reportagens e recebeu inúmeros prêmios nacionais em jornalismo. Apenas em 1998, aos 48 anos, teve seu primeiro livro publicado pela editora espanhola Anagrama, *Trilogia suja de Havana*. A obra tornou-se um sucesso de público e de crítica.

Gutiérrez publicou diversos outros livros, que foram editados em vários países. Para elaborar suas obras, o escritor afirma que costuma se basear em fatos que acontecem em sua vida, em cenas das quais é testemunha (SANTOS, 2007). Outra marca de seus romances e contos é a presença do personagem ‘Pedro Juan’, uma espécie de *alter ego*, do escritor.

O livro *Fabián e o caos* não foge à ‘regra’: nele o personagem Pedro Juan narra um período de sua infância e juventude, além de sua amizade com Fabián, que foi perseguido por ser homossexual. Baseada em fatos reais, a história se passa entre o final da década de 1950 e início dos anos 1960 e está intercalada entre a trajetória de Fabián e a de Pedro Juan, narrador-personagem.

O pano de fundo da narrativa é a Revolução Cubana e suas consequências – sociais, econômicas e culturais – na vida de Fabián, Pedro Juan e suas famílias. Um tema fundamental – não só neste livro, como em todas as obras de Gutiérrez – é o sexo. As inseguranças da adolescência, as descobertas sexuais, os romances e aventuras de ambos os personagens também têm protagonismo na história.

Nesse sentido, este artigo pretende analisar a questão do sexo, do gênero e sua relação com o discurso no romance *Fabián e o caos*, de Pedro Juan Gutiérrez. Embora aparentemente estejam em papéis diametralmente opostos – Pedro Juan como o estereótipo do rapaz másculo e conquistador, e Fabián com a pecha de um homossexual frágil, sensível e afeminado –, os personagens também são exemplos de uma sexualidade abjeta.

Para discutir abjeção, recorreremos, principalmente, a Kristeva (1982). Em seguida, abordamos a relação do abjeto com o gênero. Para tanto, nossa referência principal é Butler (2015, 2016). Também tratamos sobre a questão do discurso, baseando-nos, mais uma vez em Butler (2016, 2015) e ainda em Foucault (1966, 2012). Finalmente, a partir do escopo teórico

apresentado, analisamos as sexualidades abjetas no romance *Fabián e o Caos*, de Pedro Juan Gutiérrez.

Abjeção, gênero e discurso

O dicionário *online* Michaelis de Língua Portuguesa (2018) define abjeção como “falta de dignidade, qualidade do que é torpe, vil; aviltamento, opróbrio, vileza”. Embora mantenha uma conotação pouco positiva, o conceito de abjeção, proposto por Julia Kristeva (1982), é um tanto diverso do seu sentido corriqueiro. Para a filósofa, o abjeto é aquilo que perturba o sistema, a identidade e a ordem. Trata-se de algo que está na fronteira dos corpos: nem totalmente dentro, nem totalmente fora. Uma espécie de massa estranha da qual tentamos nos livrar, mas não conseguimos. Algo que, ao mesmo tempo, provoca fascínio e curiosidade: não queremos olhar, mas é inevitável: “Um surgimento maciço e repentino de algo estranho que, familiar como poderia ter sido em uma vida oculta e esquecida, agora me aborrece como radicalmente distinto, repugnante. Eu não. Isso não. Mas também não é nada. Um ‘algo’ que não reconheço como coisa”.² (KRISTEVA, 1982, p. 2)

Kristeva (1982) considera que, assim que nascemos, nossa primeira experiência em relação ao mundo é de plenitude, de conjunção total com o ambiente que nos rodeia, sem nenhum tipo de fronteira. Aos poucos, porém, as fronteiras entre o eu, o mundo e os outros vão sendo delineadas. É nesse momento que se dá a abjeção: o indivíduo passa a tentar se livrar e rejeitar o que parece não fazer parte dele mesmo. Kristeva (1982) dá exemplos pontuais do que o indivíduo quer descartar — a comida, o excremento, a urina, o vômito, os fluidos corporais, enfim.

Assim, de acordo com Julia Kristeva, ao nascer, o sujeito é separado do ventre de sua mãe, e aquele lugar protegido e confortável se perde para sempre. Quando essa memória dolorosa da perda retorna de alguma maneira, surge, então, a abjeção, que permanece assombrando o sujeito por toda a sua vida. Apesar de repulsivo, o abjeto provoca fascínio, mantendo e, ao mesmo tempo, ameaçando as fronteiras do indivíduo.

Nesse sentido, Kristeva (1982) considera que a abjeção não é uma etapa passageira na trajetória de um indivíduo, mas se configura como uma presença fantasmática, sempre

² Tradução minha. No original: *A massive and sudden emergence of uncanniness, which familiar as it might have been in an opaque and forgotten life, now harries me as radically separate, loathsome. Not me. Not that. But not nothing either. A ‘something’ that I do not recognize as a thing.*

prestes a ameaçar as fronteiras. E porque é ameaçador, temos que manter o abjeto distante. Por isso, uma estratégia para lidar com ele é tentar excluí-lo da sociedade, nomeando-o sempre como o ‘outro’: “O abjeto é dotado de uma identidade concreta e ocupa um lugar, seja esse lugar uma prisão, um centro de refugiados, um gueto, um campo de concentração ou outro ainda a ser construído, uma ‘zona não habitável’, um lugar onde a sociedade pode dispor de seu ‘excremento’ (WEISS, 1999, p. 48).³

Porém, segundo Lechte (1990), tentar banir o abjeto, na verdade, acaba por reforçar sua presença: a recusa em confrontá-lo implica a dificuldade de se lidar com ele. Quanto mais tentamos afastá-lo, mais ele se torna presente.

O conceito de abjeção é fundamental para refletirmos sobre a questão de gênero também. Embora que, neste artigo, não abordaremos em profundidade a teoria *queer*,⁴ cabe trazer a afirmação de Richard Miskolci (2016, p. 25) para darmos início à discussão:

Alguém atento percebe como a problemática *queer* não é exatamente da homossexualidade, mas a da abjeção. Esse termo, ‘abjeção’, se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. (...) A abjeção, em termos sociais, consitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade”.

Nesse sentido, a questão de gênero, atualmente, não pode prescindir de uma reflexão sobre seu caráter abjeto na sociedade e na cultura. De acordo com Judith Butler (2015), o gênero e o sexo são culturalmente construídos. Butler (2015, p. 27) afirma:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual age a cultura*”.⁵

³ Tradução minha. No original: “[...] *the abject is provided with a concrete identity and occupies a place, whether that place be a prison, a refugee center, a ghetto, a concentration camp, or another yet to be constructed ‘zone of uninhabitability’, a place where society can dispose of its ‘excrement’*”.

⁴ Segundo Miskolci (2016), a teoria *queer* surge na década de 1980 e tem como foco a reflexão sobre a heteronormatividade. Trata-se de uma nova política de gênero, que recusa os “valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo”. (MISKOLCI, 2016, p. 25)

⁵ Grifo de Kristeva

Assim, se tanto o sexo como o gênero são culturalmente construídos e se vivemos numa sociedade em que a heterossexualidade é normativamente considerada como o padrão a ser seguido, podemos concluir que qualquer gênero que fuja a este padrão será reputado como desviante e abjeto, como afirmou anteriormente Miskolci (2016).

Guacira Lopes Louro (2016a) aponta que é impossível refletir sobre a sexualidade – e, portanto, também sobre gênero, já que são conceitos indissociáveis – sem levar em consideração os processos culturais. Rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, segundo Louro, estão relacionadas à sexualidade. Nesse sentido, também não se pode conceber o corpo como uma dimensão apenas biológica: “A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura” (LOURO, 2016a, p. 11).

Em outro texto, Louro (2016b, p. 85) complementa este pensamento, abordando a questão do poder: “As marcas de gênero e sexualidade, significadas e nomeadas no contexto de uma cultura, são também cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder”. Butler (2015) apresenta a mesma linha de pensamento. E é neste ponto que se torna evidente a aproximação teórica da estudiosa com Foucault.

Foucault (1980 *apud* LOURO, 2016a) abordou a sexualidade como um “dispositivo histórico”, uma invenção social e discursivamente construída: “discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’”. (LOURO, 2016a, pp. 11-12) Para o filósofo, “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2012, p. 46). Com isso, o sujeito dá vida, com seus atos, às formas vazias da língua. E, ao fazê-lo, confere ao discurso um imenso poder: o de representar, nomear, classificar e explicar. Segundo Foucault (1966, p. 405), “onde houver discurso, as representações expõem-se e justapõem-se; as coisas assemelham-se e articulam-se”. De fato, é possível conhecer as coisas e sua ordem somente “através da soberania das palavras” (FOUCAULT, 1966, p. 405).

Assim, se a experiência vivenciada só se concretiza por meio da relação com o discurso, este é uma poderosa ferramenta de poder. Os discursos que permeiam nossa vida em sociedade estão repletos de normas que pautam o nosso dia a dia. Nesse sentido, Butler (2016, p. 153) afirma que “a categoria do ‘sexo’ é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de ‘ideal regulatório’”. E vai além, incluindo gênero como parte desse discurso normativo, como aponta Spargo (2017, p. 42): “O gênero, argumenta Butler, não é uma extensão conceitual ou cultural do sexo cromossômico/biológico (...), mas uma prática

discursiva em andamento, atualmente estruturada em torno do conceito de heterossexualidade como norma das relações humanas”.

Sendo a heterossexualidade o discurso que instaura nas sociedades ocidentais a norma relativa à sexualidade e ao gênero, esta implica a “produção de tabus contra a homossexualidade” (SPARGO, 2017, p. 42). Como afirmamos anteriormente, a homossexualidade, então, é considerada abjeta. Entretanto, cabe ressaltar que não apenas a homossexualidade é vista como abjeta, mas também qualquer manifestação sexual que fuja ao discurso regulatório e normativo sobre sexualidade e gênero.

Feitas estas considerações e apresentado o escopo teórico acima, a partir destes, analisamos o livro *Fabián e o caos*, de Pedro Juan Gutiérrez.

***Fabián e o caos* e as sexualidades abjetas**

O romance *Fabián e o caos* se inicia narrando como os avós de Fabián Cugat, personagem principal do livro, se conheceram na Espanha e tiveram uma filha à qual deram o nome de Lucía. Nas páginas seguintes, Lucía conhece Felipe Cugat, com quem se casa e, juntos, se mudam para Cuba.

Felipe não queria ter filhos, por isso fez de tudo para evitá-los. Porém, quando achava que Lucía não engravidaria mais, pois já tinha 44 anos, nasceu Fabián. O livro narra um pouco da infância de Fabián e é neste momento que a história passa a ser intercalada com narrativas de Pedro Juan, que conta um pouco de sua trajetória e de como conheceu o personagem principal.

Enquanto a vida de Fabián é narrada em terceira pessoa, Pedro Juan é o narrador da própria vida, que se mistura com a de Fabián quando os dois se conhecem na escola e, passados alguns anos, se reencontram em uma fábrica de carne enlatada, onde são obrigados a trabalhar pelo governo socialista.

A sexualidade é um dos temas principais do romance. Logo nas primeiras páginas, a vida sexual dos avós de Fabián é narrada e, da mesma forma, a de seus pais. Posteriormente, a narrativa se concentra nas descobertas sexuais de Fabián e de Pedro Juan.

Uma das marcas da sexualidade revelada no livro é a abjeção. Trata-se de uma sexualidade duplamente abjeta: porque os envolvidos são considerados indivíduos que, como apontamos nos referindo a Miskolci (2016), de alguma forma, ameaçam a ordem social; e também porque as histórias das quais participam são aquelas que todos sabem que acontecem,

mas que fingem ignorar, porque consideram repulsivas, sem, entretanto, perderem a curiosidade.

Em primeiro lugar, cabe refletir sobre a questão do discurso normativo a que Fabián e Pedro Juan estavam submetidos. No livro, é possível perceber a influência de três discursos reguladores: o do Estado (e aí podemos incluir também o Exército), da escola e da religião.

Quando adolescente, a mãe de Pedro Juan o levava à missa: “Desde bem pequeno me levavam à missa. Minha mãe me obrigava a ir com ela (...). Tentou me inculcar uma vida religiosa e respeitável. Mas já na adolescência senti que a religião me encapsulava numa redoma pneumática de vidro” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 45) Por isso, Pedro Juan não conseguia se encaixar naquele sistema. Sentia que seu projeto de vida era antagônico à religião, pois ele desejava ser livre, a religião tinha como objetivo tornar a existência regrada.

Tal postura se confirma também na sua relação com o sexo. Depois de perder a virgindade, aos 14 anos, todas as mulheres com quem Pedro Juan se relacionava queriam morar com ele e ter vários filhos. Seguiam também o discurso hegemônico da época, segundo o qual o papel principal da mulher na sociedade era o de mãe.

Com a Revolução Cubana, a queda de Fulgêncio Batista e a ascensão ao poder de Fidel Castro, em 1959, o discurso normativo na sociedade do país se modificou: “Nesses primeiros anos, a revolução pressionava sistematicamente os religiosos para que saíssem do país ou ficassem entre suas quatro paredes e não perturbassem” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 46). Assim, a religião não era bem vista pelo sistema que, como afirma Gutiérrez, fazia propaganda agora a favor da decência, mas sem que esta campanha fosse pautada por um discurso que tivesse qualquer relação com a religiosidade.

A escola também atuava como disciplinadora – dos corpos e das sexualidades. Desde criança, aquele que de alguma forma fosse diferente, principalmente no que diz respeito à sexualidade, era discriminado ou excluído. Embora Miskolci (2016) refira-se ao contexto da ditadura militar brasileira nos anos 1970, suas observações também são válidas para a Cuba dos anos 60:

Na perspectiva *queer*, as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamento social, de controle, de normalização. Como mostra minha experiência pessoal durante a ditadura militar, a escola tenta, pelos mais diversos meios pedagógicos, criar meninos masculinos e meninas femininas. Portanto, o ensino escolar participa e é um dos principais instrumentos de normalização, uma verdadeira tecnologia de criar pessoas ‘normais’, leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem com a sociedade as quer. Em outras palavras, a escola pune e persegue aqueles e

aquelas que escapam ao controle, marca-os como estranhos, ‘anormais’, indesejáveis. (MISKOLCI, 2016, pp. 18-19)

No livro, Gutiérrez descreve dois personagens considerados abjetos na escola: Fabián e Alfredo Bunda de Touro. Fabián fazia tudo para passar despercebido: “(...) Fabián era escorregadio como uma cobra. Além do mais, parecia um micróbio: magrinho, frágil, com óculos de míope, branco feito neve, de estatura baixa, silencioso, sem amigos, acho que fazia um esforço para ser invisível”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 58) Já Alfredo Bunda de Touro era o oposto: afetado, provocava os colegas com seu jeito feminino. Como resposta, os colegas mostravam seus órgãos sexuais, para que Alfredo olhasse. Muitas vezes, algum deles ia ao banheiro, esperando que Alfredo o seguisse: “E atrás ia Alfredo Bunda de Touro. Cinco minutos depois os dois voltavam para a sala de aula. Sorridente e felizes” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 50). Essas idas ao banheiro eram individuais, e os participantes não comentavam entre si o que acontecia. Então, era um mistério.

Esses episódios despertavam a curiosidade de Fabián. Ele sabia que os colegas mostravam seus órgãos sexuais para Alfredo e também queria vê-los, mas não tinha coragem: “Ele também queria ver aquele espetáculo, mas não se atrevia a sentar nas fileiras de trás para olhar também. Era tímido demais”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 93)

Tanto Fabián quanto Alfredo eram tratados como se lida com o que é abjeto: Fabián era ignorado. Fazia tudo para ser invisível e era banido do grupo. Por se expor mais, Alfredo Bunda de Touro era alvo de deboche. Entretanto, embora debochassem dele, tinham curiosidade. Tratava-se, então, de uma relação abjeta de repulsa e atração. Ambos não se enquadravam no que o sistema escolar esperava deles. Por isso, eram, de uma forma ou de outra, relegados a segundo plano.

Fabián vivia com seus pais – com os quais seguiu morando até a morte dos dois – e era desprezado por seu pai, Felipe. Por ser magro, pequeno, gostar de música e de tocar piano, Felipe o chamava de veado. A mãe, ao contrário, fazia todas as suas vontades, mimando-o excessivamente.

Ao saírem da escola, Fabián e Pedro Juan passaram anos sem se encontrar. Aos 16 anos, Pedro teve que se alistar no Exército, pondo fim ao romance com sua primeira namorada, que, aliás, já sinalizava querer formar com ele uma família. O Exército serviu de desculpa para fugir deste compromisso, mas o disciplinou de outras maneiras. E o discurso militar se coadunava com o discurso do governo socialista cubano: “Podem-se analisar os discurso e documentos da época verificando as palavras que mais se repetem: dignidade, patriotismo, pátria, sacrifício,

igualdade, coragem, aplicação da ciência e da técnica, produtividade, entrega, heroísmo, internacionalismo”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 79)

Esse discurso incluía a vida pessoal. O homem devia dedicar-se de corpo e alma ao socialismo, como afirma Pedro Juan, mas isso implicava também uma conduta ilibada: “(...) Talvez ter uma amante por aí, em algum bairro distante. Essa discreta infidelidade já seria considerada o cúmulo do descaramento e da imoralidade” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 79)

Pedro Juan também queria se manter longe dessa realidade, de ser um homem respeitável. No livro, o personagem afirma que todas as suas namoradas acabavam por manifestar a fantasia de querer engravidar: “Todas, sem exceção, queriam ter filhos e que eu me escravizasse trabalhando em qualquer merda para manter de pé a estrutura familiar. Eu proletário? Não! Antes cadáver que proletário”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 126) Com isso, Pedro Juan ia levando sua vida desregrada, o que se intensificou quando saiu do Exército:

Mandei à merda a disciplina, os horários, a obediência cega, levantar às cinco e meia da manhã para fazer meia hora de ginástica, as unhas limpas, o cabelo raspado com máquina zero uma vez por semana, o armário com minha pouca roupa e os objetos pessoais organizados milimetricamente e segundo um planejamento. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 126)

Intensificavam-se a partir de então suas experiências sexuais que, por fugirem do discurso normativo, também seriam consideradas abjetas. E a abjeção, no caso de Pedro Juan, vai muito além de manter relações fora do padrão considerado decente: monogâmicas e que gerassem filhos. Um exemplo dessa abjeção é a relação que o personagem mantém com Tita, esquizofrênica e sexagenária.

Tita morava em um lugar abandonado e, apesar de na maior parte do tempo se mostrar lúcida, em alguns momentos, entrava numa espécie de surto: “(...) de repente olhava nos meus olhos e dizia insistentemente: - Eu estou muito bem, Eu estou muito bem. Levei trinta e dois eletrochoques, mas estou muito bem. Estou muito bem.” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 143) Nesses momentos, Pedro Juan sentia medo. Era um momento de desconexão total de Tita com o mundo, mas logo em seguida, ela voltava a si, e Pedro continuava sua aventura sexual.

O relacionamento entre os dois era somente sexual e aconteceu por acaso: Pedro Juan foi lhe entregar um cachorro que ninguém queria e, quando viu Tita, imediatamente se sentiu atraído. Iniciou uma conversa desprezível, sentiu-se excitado e logo lhe mostrou o pênis ereto. A princípio, Tita negou, mas rapidamente cedeu.

O personagem se sentia atraído por ela, apesar de considerá-la suja e de ela agir como se estivesse conversando com o falecido marido durante o ato sexual. Pedro Juan não se importava: “As declarações de amor e fidelidade a Alberto [o marido de Tita que falecera] não me perturbavam. Será que ela perdia a cabeça pensando no marido? E me substituí? Eu estava pouco ligando. Só queria trepar feito um animal e gozar com Tita.” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 145)

Porém, a relação era secreta. O personagem não queria ser visto com “aquela vovó”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 146). Mantinha com ela uma relação abjeta – não apenas aos olhos da sociedade, que o consideraria um perverso, se o caso se tornasse público, como também para o próprio Pedro Juan. Ele a considerava louca, sentia seu cheiro azedo, o sabor estranho de sua boca e se sentia excitado: “Era um pouco repulsivo, mas me provocava o efeito contrário: me erotizava até os ossos” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 146). Embora atraído, uma certa repulsa também o atingia.

Além disso, Pedro Juan não tinha nenhuma preocupação com ela – temia apenas que ela morresse de repente durante os orgasmos que tinha, pois se agitava demais. Para o personagem, estar com Tita era “ideal. Uma relação perfeita. Sem responsabilidade, sem futuro, sem previsões, sem regras, sem expectativas” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 146). E o personagem procurava manter uma certa distância afetiva. Quando Tita chorava, no meio de um surto, confundindo-o com o marido morto, ao mesmo tempo em que se entediava, ficava excitado. A própria abjeção de Tita o atraía para ela.

Apesar de se revoltar contra o discurso regulatório do regime socialista vigente em Cuba, Pedro Juan, em alguns momentos, faz uso da sua força física para, de certa forma, reafirmar tal discurso. Na infância, o personagem se valeu da sua força para humilhar Fabián. Colegas de colégio, certa vez, Pedro Juan e Fabián foram incumbidos de tomar conta da escola durante a noite. Pedro Juan obrigou Fabián a lhe dar seu lanche: “Bebi uma caneca. Estava uma delícia. E fui embora. Adorei essa ideia de abusar dos mais fracos. E me sentir superior. (...) Atropelar quem se deixa atropelar”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 60) Assim, Pedro Juan ratificava o sistema: os mais fortes, os másculos, devem se sobrepor aos mais fracos, principalmente, se forem afeminados. Estes devem ser tratados com desprezo, mantendo-se distantes daqueles que são considerados “normais”.

Talvez justamente por isso, já que Fabián parecia gostar de ser dominado, ele se apaixonou por Pedro Juan e passou a tentar se aproximar dele – “(...) às vezes se imaginava amarrado enquanto Pedro Juan o estimulava batendo com um chicote nas suas costas e depois

o penetrava brutalmente” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 112). Começou a colecionar selos, pois sabia que Pedro Juan era filatelista. Chegou a convidá-lo a ir a sua casa para mostrar-lhe sua coleção de selos. Pedro Juan foi, mas o encontro acabou em briga, pois Fabián o criticou por causa de uma brincadeira de mau gosto que Pedro fizera com uma professora. A partir daí, deixaram de se falar, para se encontrarem anos depois, ambos trabalhando em uma fábrica.

Antes disso, porém, a narrativa se concentra nas descobertas sexuais de Fabián. Quando criança, sentia-se atraído pelos funcionários da loja em que seu pai trabalhava. Ficava admirando seus corpos másculos, desejando vê-los nus e sentir seu suor. Insinua-se, então, a questão do gênero na trajetória de Fabián.

Anos mais tarde, o personagem frequentava cinemas e procurava se sentar perto de algum homem, que acabava lhe mostrando o pênis ereto para que Fabián o masturbasse. Muitas vezes, esses homens o beijavam e o convidavam para um encontro, mas o personagem não tinha coragem, pois sabia que o sexo seria inevitável. Por culpa ou medo, Fabián ainda era virgem.

Anos depois, ao tornar-se aluno do conservatório de música e ser convidado para tocar em uma banda durante o Carnaval, Fabián começa a ter coragem de se revelar um pouco mais. Deixou-se maquiar. Sentia-se bem e sonhava em ser loura e parecer com a Marilyn Monroe.

Após o Carnaval, Fabián é convidado a tocar novamente com a banda em Varadero – localidade praiana de Cuba –, no Hotel Internacional. Lá conhece Robert, um jardineiro com quem troca olhares. Em seguida, os dois se encontram na praia e têm relações sexuais. Os encontros passam a se repetir com frequência, até que os dois são flagrados pela polícia e levados para a delegacia.

Depois de presos, são avisados que serão julgados em praça pública: era a punição dada a quem ameaçasse a ordem pública. São tratados como seres abjetos. Um policial que os encontra na delegacia diz: “São esses os veados que pegaram na praia? Se eu fosse o juiz condenava no mínimo a vinte anos. Ahhh, com certeza. Vinte Anos. Em Agüica,⁶ trabalhando debaixo do sol, pra virar homem. O cara vira homem ou morre.” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 118) Trata-se de mais um exemplo do discurso abjeto e regulatório: os homossexuais devem ser forçados a se tornarem “machos” e, para tanto, nada melhor do que o castigo. Se resistir á dureza do trabalho, poderá se tornar um “homem de verdade”.

⁶ Segundo Gutiérrez (2016), Agüica era uma prisão dentro de uma indústria de pré-fabricados para a construção onde os internos tinham que trabalhar.

Depois do episódio, Robert e Fabián são soltos para aguardar o julgamento em liberdade. Nunca mais tiveram nada. Fabián procurou uma antiga professora, que, por ter amigos influentes, conseguiu que as acusações fossem retiradas.

Finalmente, as trajetórias de Pedro Juan e Fabián se cruzam novamente. Ambos se encontram em uma fábrica de carne enlatada, onde são obrigados a trabalhar. Pedro Juan, por ser vagabundo, e Fabián, após ter sido expulso do conservatório em função de sua opção sexual. Pedro Juan revela que:

 Ou você trabalhava ou era preso como ‘escória social’ ou algo assim e mandado para as Umap, Unidades Militares de Ajuda à Produção. Para trabalhar feito um burro de carga. Você estava preso, mas ao mesmo tempo estava num limbo legal, porque não existia um processo. Não havia acusação nem condenação. Se você era vagabundo, bicha ou religioso, ficava trancado lá dentro para se reabilitar com o trabalho. (GUTIÉRREZ, 2016, pp. 127-128)

Assim, quem não se adequasse ao discurso regulatório do regime socialista, era obrigado a frequentar essas unidades militares. Como Pedro Juan e Fabián não cumprem as normas, acabam tendo que ir trabalhar nessa fábrica, um lugar inóspito, onde havia um matadouro no qual matavam porcos em uma espécie de *show* sanguinário. Lá os funcionários eram obrigados a andar por cima dos dejetos dos animais, que exalavam um cheiro podre. Segundo Pedro Juan, os funcionários que ali trabalhavam pareciam se deleitar com o massacre dos animais. Na fábrica também, esses funcionários – homens e mulheres – faziam verdadeiras orgias sexuais em meio à sujeira, ao fedor, aos vermes e ratos que havia lá.

Fabián e Pedro Juan, então, se encontram nesse lugar: dois seres abjetos em um ambiente abjeto. A tensão e os papéis opostos que ocupam e que observamos ao longo da narrativa se mantêm aí. Fabián continua sendo o fraco, humilhado, sujeitado, e Pedro Juan, o revoltado, que constantemente tenta descumprir as regras.

Por parecer frágil, Fabián logo recebe o apelido de Pombinha. Ao perceberem que se conhecem, as funcionárias começam a insinuar que são namorados. Uma delas assedia Pedro Juan, que a rechaça. Ao fazê-lo, a mulher afirma que ele não gosta do sexo feminino e o chama de “O bofe da Pombinha” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 137). Uma das características da abjeção é o seu poder de contaminação. Se está com a Pombinha, então, Pedro Juan também deve ser homossexual e, por isso, deve ser hostilizado e ridicularizado.

Fabián convida Pedro Juan para ir a sua casa, e assim eles se aproximam novamente. Lá Pedro Juan vê os pais de Fabián em condições precárias, sem que o filho demonstrasse qualquer preocupação. Enquanto a amizade dos dois continua fora da fábrica, ambos seguem com suas

vidas: Pedro Juan segue se relacionando com várias mulheres, e Fabián procura seguir as normas, porém com dificuldades, já que sua condição de homossexual o tornava diferente – “Obrigações e dever. Eu não gosto disso. E é ainda pior aqui neste país, onde quem nasce homem tem que ser homem por obrigação e por lei. Detesto ser o masculino Fabián” (GUTIÉRREZ, 2016, p. 166).

Na fábrica, Fabián conhece Antonio, um negro que dificulta ainda mais seus propósitos. Eles travam uma relação sadomasoquista. Alto, forte, musculoso, bem mais velho e másculo, Antonio assedia Fabián. Um dia, eles se encontram no banheiro, e o negro o obriga a ter relações sexuais com ele. A princípio, Fabián reluta, mas passa a se acostumar. Pelo menos, aqueles encontros o tiravam da rotina extenuante de trabalho. Trata-se de mais uma relação abjeta, de repulsa e atração:

Quando se lembrava do cheiro nauseabundo de excremento do lugar onde se escondia com Antonio, achava humilhante. Antonio, tosco e grosseiro, que se comportava com um carinho fingido, mas com violência soterrada. (...) Evidentemente o que excitava mesmo Antonio era a violência e a fúria. Enquanto faziam sexo, Antonio sempre lhe dava tapas na cara e espremia seus ossos com aquelas manzorras enormes e fortes. Batia com força e se excitava como uma fera selvagem. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 174)

Fabián se sentia aviltado e excitado ao mesmo tempo. Não raramente, queria que acabasse logo, mas, quando chegava a casa, tinha fantasias com Antonio, desejando que ele o violentasse até a morte. Fabián gostava desse jogo perigoso de ser dominado, de ser o lado mais fraco da relação. Mais uma vez, uma relação abjeta de repulsa e atração. Por sua condição de aparente masculinidade, Antonio se acha no direito de tornar Fabián subserviente. Este, por sua vez, se deixa conduzir mansamente – e até demonstra satisfação.

Entretanto, muitas vezes, o violentado é também o violentador. O frágil Fabián, vítima de preconceitos, assédio, violências física e verbal, era o algoz de seus pais. Quando o pai sofreu um acidente vascular cerebral e passou a ter dificuldade para se movimentar e falar, Fabián ficou contente, porque percebia que tinha se livrado de um peso, já que Felipe sempre o perseguira.

Ao final da narrativa, Fabián interna o pai em um asilo. Para mãe, diz apenas que vai levá-lo ao médico, e ela implora que ele não o faça. Ao chegar ao asilo, Felipe fica tremendo de medo e urina. Seu filho não se comove nem se arrepende. Dias depois, recebe a notícia de que o pai falecera.

A mãe fica desesperada com a ausência de Felipe e acaba morrendo também. Fabián fica sem saber o que fazer, até que resolve levá-la a uma policlínica e, posteriormente, a uma funerária. Lucía é enterrada em uma vala comum, rapidamente e sem cerimônias. Ao voltar a casa, Fabián se sente desolado. Recorda-se de como sua mãe o mimava quando era criança e chora desconsoladamente. A solidão, então, o devora. O personagem deixa se levar pelo desconsolo e para de comer. Pedro Juan vai visitá-lo e o encontra deprimido. Porque estava faltando muito ao trabalho, uma funcionária do governo também o visita, aconselhando-o que volte urgentemente para o emprego.

Fabián ignora e mergulha cada vez mais na depressão. Não se banha mais nem come. Suas noites são assombradas por pesadelos terríveis. Aos poucos, vai se desprendendo do mundo real e vivendo na fantasia de que estava com sua mãe. Passa os dias conversando com ela, até que acaba morrendo.

Pedro Juan é quem o descobre morto e pede a uma vizinha que avise à polícia. O corpo é levado para o necrotério, e Pedro é o único que comparece ao seu enterro. Como a mãe, Fabián é enterrado em uma vala comum, sem qualquer identificação: “Anonimato total. Ninguém viria rezar flores ou rezar por sua alma. Fabián ia gostar disso, pensou. Fabián, sempre invisível, até na morte. Era perfeito”. (GUTIÉRREZ, 2016, p. 195) Pedro Juan seguiu com sua vida caótica, mas sem nunca esquecer Fabián.

Considerações finais

Em um jogo de ficção e realidade, Pedro Juan Gutiérrez, tem como tema principal de seu romance a abjeção. Os personagens estão sempre em algum tipo de relação de repulsa e atração, constantemente fugindo às normas dos discursos regulatórios. No caso do romance *Fabián e o caos*, o discurso principal, implícito na narrativa, trata da questão da sexualidade e do gênero.

Normatizando a sociedade, a religião, o Estado e a escola definem como os sujeitos devem agir e se comportar em sociedade. Os que não se encaixam na norma precisam ser banidos. Alguns, como Pedro Juan, são alvo de admiração pela força e coragem, embora também sejam castigados por sua insubordinação. Outros, como Fabián, desde logo, são prescritos, hostilizados e ridicularizados.

Para além da questão da sexualidade, o próprio comportamento dos personagens é abjeto: o pai que quer se livrar do filho fraco e afeminado; o filho que, ao final da narrativa, não

quer ser incomodado pela decrepitude dos pais. Ao mesmo tempo vítimas e algozes, os personagens ora ratificam o discurso, ora procuram descumpri-lo – e aí sofrem as consequências de suas atitudes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo, subversão e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In. _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Fabián e o caos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror – an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

LECHTE, John. *Julia Kristeva*. New York; London: Routledge, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.

_____. *Pedagogias da sexualidade*. In. _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016b.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro>> Acesso em: 31 jan 2018.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

SANTOS, Daniele Ribeiro dos. *Do realismo sujo ao realismo vazio: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez*. 2007. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WEISS, Gail. The abject borders of the body image. In: WEISS, Gail; HARBER, Honi Fern (ed.). *Perspectives on embodiment and the intersections of Nature and culture*. New York; Londres: Routledge, 1999.

Enviado: 08/02/2018

Aceito em: 27/02/2018